

AS CARTAS E ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS NA PERSPECTIVA DE PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Renata Augusta Bollis¹

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade mostrar que Cartas, textos (auto) biográficos, memorial, diários, são fontes relevantes para a História da Educação. Portanto, são fontes históricas através das quais podemos entender nosso passado e pesquisá-lo. O estudo desses materiais na História da Educação chama atenção para alguns aspectos: a importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa; a contribuição que estes estudos podem dar, dentre outras formas, para elucidar aspectos específicos de processos de formação; e também, como suporte para perceber elementos das trajetórias de intelectuais. O referencial teórico-metodológico é sustentado nos estudos de Mignot (2005; 2007), Nóvoa (1992), Catani (2006).

Palavras-Chave: História de vida; Jan Amos Comenius; Escrita de si.

LETTERS AND AUTOBIOGRAPHIC WRITINGS IN THE PERSPECTIVE OF RESEARCH IN THE HISTORY OF EDUCATION

ABSTRACT

The research aims to make explicit that Letters, (auto) biographical texts, memorial, journals, are relevant sources for the History of Education. Therefore, they are historical sources through which we can understand our past and research it. The study of these materials in the History of Education draws attention to some aspects: the importance of autobiographical texts as a source of research; the contribution that these studies can give, among other forms, to elucidate specific aspects of training processes; and also, as support to perceive elements of the trajectories of intellectuals. The theoretical-methodological framework is supported by studies by Mignot (2005; 2007), Nóvoa (1992), Catani (2006).

Keywords: Life's history; Jan Amos Comenius; Writing for you.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Mestre em Educação (2013-2015) pela Universidade Metodista de Piracicaba. Pós-Graduação pela Universidade Metodista de Piracicaba em Direito Constitucional e Administrativo. Especialização em Direito da Criança e do Adolescente (ECA). Especialização em Legislação Previdenciária. Formação Complementar em Direitos Humanos. Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP (1999 - 2003). Graduanda em Pedagogia pela Unid (Universidade da Cidade de São Paulo). Representante discente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) no Comitê de Ética da Unimep. E-mail: renata.bollis@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Durante muitos séculos, escrever cartas foi o principal meio de correspondência e comunicação entre as pessoas. Deste modo podemos apontar que a carta tornava os ausentes em presentes.

De acordo com o Novo Dicionário de História de Brasil (1970, p. 280) “Dá se o nome de fontes históricas à toda documentação que serve a determinado tema em estudo no plano da história, como escritos, livros, revistas, certidões etc.” No campo da História da Educação, os motivos para darmos importância nas pesquisas com cartas, se dá pela razão de que por muito tempo era o melhor meio de comunicação entre as pessoas. Isso ocorreu durante séculos, em especial durante os séculos XVIII e XIX, na Europa Ocidental. (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 05).

Nos últimos trinta anos os pesquisadores e historiadores, tem se remetido às cartas como fonte de pesquisa, e assim, embasando seus estudos entre os sujeitos das epístolas. O que elas têm a oferecer no campo da História da Educação? Dantas (2011), nos mostrou um autor chamado Gomes (2004), e este nos dá a resposta, nos mostrando que

o estudo das cartas em História da Educação chama atenção para alguns aspectos: a importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa; a contribuição que estes estudos podem dar, dentre outras formas, para elucidar aspectos específicos de processos de formação; e também, como suporte para perceber elementos das trajetórias de intelectuais, professores e alunos. No campo da História da Educação, as razões para se dar atenção a esse tipo de escritos são bastante evidentes. Tratando-se de disciplina que se volta para o estudo de processos de aprendizagem e de ensino de leitura e de escrita, práticas culturais como as de escrita de si são um prato cheio de interesse. Escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos. Além do mais, grande parte do professorado há muito é composto por mulheres, que, por questões de constrangimento social, tiveram seus espaços de expressão pública vetados, restando-lhes exatamente os espaços privados, entre os quais os de escrita de si (GOMES, 2004, p. 9).

Até então esses materiais eram usados como fontes secundárias e acessórias (os documentos compostos por diários, correspondências, biografias e autobiografias,

elas não eram a fonte central das pesquisas. Apenas há pouco tempo, passaram a ser consideradas fontes privilegiadas de análise e objetos da pesquisa histórica.

Depois que Dantas (2011) nos apresentou Gomes (2004), fomos ler o seu trabalho. E nos deparamos que na perspectiva de Gomes (2004), escrever sobre si, abarca as autobiografias, diários, cartas, que resultam na constituição de uma memória de si.

Destarte, essas práticas de escrita de si apontam uma trajetória individual, que tem como um percurso que se altera ao longo do tempo, ou seja, mostram “como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc”. (GOMES, 2004, p. 13). O envio das cartas cria um desejo de reciprocidade, de uma resposta, é quase uma conversa à distância. (GOMES, 2004, p. 13).

Ainda nos apontamentos de Gomes (2004), a escrita epistolar adota uma forma terapêutica, ou seja, uma terapia, para quem escreve e para quem lê. O ato de escrever para si, de si e para os outros diminui as angústias da solidão, tendo um papel de um companheiro, ao qual quem escreve se expõe, dando como prova a sua sinceridade.

Há necessidade e prazer na troca de cartas: “faz tempo que você não me escreve”, “responda-me com urgência”, “você me esqueceu: não me escreve mais...”. Escrevendo é possível estar junto, próximo ao “outro” através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos, compartilhados e consolidados (GOMES, 2004, p.20).

As cartas geralmente vêm de atividades solitárias, mesmo quando é compartilhada por terceiros, como por exemplo uma secretária que digitou ou quando alguém dita e outro escreve.

Segundo Camargo (2000a), a troca de cartas pode ser tida como uma prática cultural de determinado período, de certo contexto histórico. Através das marcas e gestos que os sujeitos deixam de si, como deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai ter as relações, configuradas a partir de modelos de interesses que foram socialmente construídos. Muitas famílias, e educadores estimulavam a anotação dos acontecimentos cotidianos através de diários ou da troca de cartas.

Nesses casos, seus registros são tratados como uma estratégia eficaz de aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar; como indícios da(s) cultura(s) de uma época e de uma certa configuração das relações sociais. Não surpreende, por conseguinte, que os pesquisadores sintam que trabalhar com cartas é algo fácil e agradável e, ao mesmo tempo, muito difícil e complexo. A correspondência é um tipo de documentação abundante e variadíssima, mas também fragmentada, dispersa e, muitas vezes, quase inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos, profissionais) e pela invasão de privacidade que seu exame pode acarretar. Além disso, o pesquisador precisa estar ciente de uma série de procedimentos metodológicos para que sua análise tenha maior rendimento. Trabalhar com cartas, assim como com outros documentos, privados ou não, implica procurar atentar para uma série de questões e respondê-las. Quem escreve/lê as cartas? Em que condições e locais elas foram escritas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual ou quais o(s) seu(s) objetivo(s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais as suas características como objeto material? Que assuntos/temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? (GOMES, 2004, p. 22).

A escrita de cartas, diários, abrange a arte de enviar e receber cartas. Assim, Gomes (2004) ressalta, que existem distanciamentos nas escritas epistolares. Há a distância no que tange o espaço e o tempo entre escrever e ler as cartas; e existe a longitude física entre os indivíduos que se escrevem, e há a possibilidade do intervalo entre o escritor da carta e os acontecimentos descritos na epístola. As cartas têm um ritmo lento, pois demoram a chegar no destinatário, e demoram a voltar ao remetente. Imaginemos isso em pleno século XVII, quando as cartas eram enviadas de um país a outro. Isso demorava meses e meses.

Cartas são, assim, um tipo de escrita que tem fórmulas muito conhecidas, porque aprendidas, inclusive nas escolas, como a datação, o tratamento, as despedidas e a assinatura, além de um papel mais apropriado, um timbre/uma marca, um envelope, uma subscrição correta. Têm também um certo ritmo que é descontínuo e cíclico, podendo se acelerar ou desacelerar de acordo com determinados acontecimentos e momentos da vida dos correspondentes. A escrita epistolar envolve o envio e o recebimento de mensagens entre indivíduos, e uma observação básica é a que ressalta os múltiplos distanciamentos constitutivos dessa prática cultural. O primeiro a ser notado é o da distância no espaço e no tempo entre as ações de escrever e ler cartas: a distância entre os correspondentes que se encontram nesse lugar, físico e afetivo, constituído pelas cartas. Outro é o distanciamento entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados, principalmente os que têm nele mesmo o principal personagem. Ou seja, no momento da escrita, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado (“ontem aconteceu...”, “você se lembra quando?”), no presente (“estou escrevendo esta carta...”) ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto. (GOMES, 2004, pp. 19-20).

Existem casos, que há percalços para os pesquisadores durante a pesquisa, pois na investigação, eles têm acesso para trabalhar com o que já foi publicado e disponibilizado. Nesta perspectiva, Gomes (2004) ressalta que precisamos ter em vista que as cartas, diários, etc, foram destinadas de indivíduo para indivíduo, e só depois, tornaram-se livros.

Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos — exteriores e interiores —, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro. Um tipo de discurso multifacetado, com temas desordenados, que podem ou não ser retomados e desenvolvidos, deixando às vezes bem claro até onde se diz alguma coisa. A carta pessoal “diz” que o segredo existe, explicitando seus limites, ou faz crer que ele não existe e que a confissão é plena. Por essa razão, trata-se de um discurso geralmente marcado pelo cuidado no estabelecimento de relações pessoais. Ele pode combinar com grande facilidade o que vem do cotidiano/ordinário com o que vem do maravilhoso/extraordinário. De toda forma, é um espaço preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas. (GOMES, p. 22).

No excerto acima, apreendemos que nas cartas, muitas vezes, os assuntos vêm desordenados, e depois de lermos uma coletânea toda, vemos quais eram os assuntos realmente tratados. Percebemos depois, os assuntos corriqueiros, cotidianos, profissionais, os segredos ...

Assim, mesmo se as cartas sejam divulgadas, por exemplo, na forma de um livro, elas dão ao pesquisador uma certa liberdade sobre a história dos personagens. Isso porque, foram lidas por alguém e transformadas em um livro. Elas já vêm carregadas de opiniões. Alguns pesquisadores sinalizam uma dificuldade presente em muitos estudos com cartas: recuperar as cartas enviadas: “elas seguiram seu destino”, dizem as autoras Dantas e Nunes (2009, p. 81).

Algumas cartas são recuperadas de acervos públicos ou dos arquivos dos remetentes ou destinatários das correspondências, mas como expressam algo íntimo e privado, necessitam de permissão para serem divulgadas.

É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos — uma escrita de si —, que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo”. (GOMES, 2004, p. 07).

No cinema também temos visto o gênero autobiográfico fazer muito sucesso com o público, como vimos com os filmes brasileiros sobre a Elis Regina, o Tim Maia, e os internacionais acerca de Stephen Hawking, Steve Jobs, e a princesa Diana etc.

Portanto, não só na literatura ficou percebido o interesse e a importância das cartas, diários e memoriais como fontes, sobretudo tratando de uma escrita de si. Até mesmo os

políticos têm atrativo equiparável, especialmente quando alcançam lugar de mito na história de seu país. As cerca de 900 cartas de Luís Carlos Prestes, reunidas em três volumes, escritas enquanto ele era prisioneiro do Estado Novo foram por muito tempo mantidas escondidas por sua família e só agora editadas. Anos tormentosos: correspondência da prisão (1936-1945) reúne ingredientes de atração infalível, pois é a correspondência familiar e amorosa de um prisioneiro político já reconhecido na ocasião como um grande líder da esquerda do país. (GOMES, 2004, p. 07).

Temos que lembrar que escrever em jornais, revista, redigir cartas, representava à sociedade dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, um modo de comunicação, expressão, um modo que as pessoas expressavam as suas angústias, dúvidas, raiva, opinião sobre os mais diversos assuntos.

Para nós pesquisadores da História da Educação, usarmos esses materiais como fonte de estudo, nos ofertou um novo modo de compreensão de um determinado período histórico, como o modo de viver, se relacionar, se comunicar, o meio social, político, e religioso do contexto estudado. As marcas deixadas nas cartas pelos sujeitos que escreviam e recebiam-nas nos permitem isso.

A ligação e entrelaçamento entre as cartas como fontes históricas e o campo da História da Educação, têm se estreitado cada vez mais. As cartas, como objetos de estudos e fontes primárias, têm ocupado mais espaço no contexto da historiografia, devido seu abrangente campo de investigação, que contribui como sendo tanto fonte como próprio objeto de estudo.

O estudo das cartas como fontes históricas em História da Educação nos salta aos olhos, devido a relevância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa e a contribuição deles no estudo das trajetórias de intelectuais. Dantas e Santos (2014), enfatizam que a pesquisa de cartas de sujeitos educadores é fundamental, devido a ênfase das vivências de um determinado período histórico. Estamos inclinados a concordar com ela, porque as cartas nos mostram o cotidiano do sujeito pesquisado.

No campo da História da Educação, as razões para se dar atenção a esse tipo de escritos são bastante evidentes. Tratando-se de disciplina que se volta para o estudo de processos de aprendizagem e de ensino de leitura e de escrita, práticas culturais como as de escrita de si são um prato cheio de interesse. Escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos. (GOMES, 2004, p. 9).

As autoras Bastos; Cunha; Mignot (2002, p. 05), que são referência quando se trata de cartas como fontes, dizem que

Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas. Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segregar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam tempo para chegar, muitas vezes demoram para ser respondidas e, não raro, demoram para retornar.

Ao pesquisarmos essas fontes devemos nos questionar sobre qual o conteúdo delas. O que elas nos fornecem? Em qual época foi escrita? Por quais motivos? Quais os significados para o remetente e destinatário? Quem leu esses documentos? Como estão guardados atualmente? Qual a ligação entre o remetente e destinatário? Houve resposta? É o historiador quem responderá essas questões. Para que isso ocorra devemos estar atentos às ligações que podem aparecer na investigação.

Enfatizamos aqui Malatian (2009),

Reveladoras da verdade fugaz de um momento perdido após sua composição, as cartas sempre suscitaram em seus autores ou destinatários sentimentos ambivalentes de desejo de preservação ou destruição. Proteger a intimidade de olhares indiscretos, sobretudo os momentos de entrega mais espontânea do eu, unido pela conversação escrita a um olhar distante, não poucas vezes inspirou recomendações de destruição dos papéis após a leitura, de sua conservação em cofres trancados, de promessas de segredo e discrição. Mas outro interesse, mais poderoso, permitiu que as cartas sobrevivessem silenciosas em arquivos pessoais, por vezes cuidadosamente atadas com fitas: o desejo de salvar vestígios de vidas, de laços estabelecidos, de afetos experimentados. (MALATIAN, 2009, p. 200).

Vale ressaltar que caixas, pastas, e gavetas, são lugares onde muitas vezes encontramos papéis guardados, por questões ligadas à valorização sentimental. São por vezes, documentos, diários, cartas e em momentos de faxina e de busca por

espaço, muitas vezes são descartados. Em outros casos, arquivos pessoais foram feitos como forma de manter viva a memória de alguém. (DANTAS; SANTOS, 2014).

Desta forma apreendemos que o interesse no estudo das cartas, tem feito com que muitos pesquisadores coloquem literalmente as mãos nestes arquivos, para investigar essa dimensão histórica, que Dantas e Santos (2014) apontam como fonte e como objeto de pesquisa. Não podemos deixar de mencionar os arquivos escaneados atualmente, que são postos na internet, museus virtuais, e até mesmo para poder resguardar da melhor maneira os documentos originais. “As narrativas na primeira pessoa constituem há quase um século fontes privilegiadas no campo epistêmico da pesquisa qualitativa interpretativista”. (NASCIMENTO, 2016, p. 113).

Muitos intelectuais conseguiram guardar suas memórias e seus manuscritos, ou seus familiares o fizeram. Entretanto, com a morte do indivíduo, autor ou destinatário dos arquivos, estes ficam à mercê dos familiares, que por sua vez, ou doam os acervos aos pesquisadores ou muitas vezes proíbem o uso, até mesmo pelo não conhecimento do valor histórico dos documentos.

Podemos observar que utilizar as cartas como fonte de pesquisa e objeto de estudo é possível e viável através de seus aspectos materiais, ou seja, com as cartas que encontramos nos acervos, arquivos particulares das famílias, e também por meio de seus correspondentes. Não podemos nos esquecer das cartas que são publicadas nos livros, jornais, revistas e internet (digitalizados).²

Quanto a este aspecto, segundo Camargo (2000), antes de serem livros, as cartas foram escritas de sujeito para sujeito. Desta forma, se as cartas se tornam reais e acessíveis num livro, ou revista e desta forma possibilita aos pesquisadores a leitura e uma representação sobre a história do autor (escritor) e do destinatário (leitor). Neste sentido, analisar cartas contribui no campo da História da Educação.

Muitas vezes o pesquisador, o historiador fica adstrito à vigilância, por exemplo, em acervos familiares, privados, quando recebe o material de forma gradativa e necessita ter muita habilidade para validar sua entrada nos acervos. Ressaltemos que pesquisar sobre cartas, que é uma escrita de si, exige

² Lembremos que muitas vezes, devido as dificuldades impostas a nós pesquisadores durante a pesquisa e estudos, só temos permissão para trabalhar com o que já fora publicado.

um distanciamento entre o sujeito que escreve — autor/editor — e o sujeito de sua narrativa — o personagem do texto —, seja o texto uma autobiografia, ou um diário ou carta, que não possuem a ampla dimensão retrospectiva do primeiro caso. Essa ambigüidade pode ser mais bem esclarecida quando se tem em mente que a escrita de si é uma das práticas culturais que integram um conjunto de novas relações íntimas próprio à sociedade moderna que consagrou o individualismo.

Dantas (2011) corrobora nesse sentido ao citar Malatian (2009, p. 200), e reproduzimos o trecho para que possa ser entendido que o desejar preservar os segredos constitui, muitas vezes, “obstáculos a serem superados na busca das fontes epistolares e se completam com desejos, explícitos ou não, de exaltação memorialística por parte dos detentores dos acervos”.

2 – CARTAS E TEXTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS COMO FONTES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Cartas e textos (auto)biográficos, como diários, escritas de si, história de vida, entrevistas, são exemplos de gêneros textuais que estão presentes em nossa vida e servem para colocar em contato remetente e destinatário. Nas últimas décadas, muitos pesquisadores têm se debruçado sobre a escrita epistolar como objeto de estudo e como fonte de pesquisa, e assim, embasando os estudos entre os sujeitos das epístolas.

Encontrar as marcas nos textos epistolares, necessita entendermos como e em quais os contextos o texto foi escrito. Entender os códigos retóricos daquela escrita, por exemplo. Você tem no texto a imagem do si que escreve, a imagem desse si coletivo e os que estão em torno dos que escrevem. As cartas, são, portanto, ricas fontes de informações a respeito da realidade que gerou as condições de seus textos, logo ele seria um espelho das práticas de vida da qual o remetente e destinatário estão inseridos.

A escrita sobre si, pode ter um caráter bem subjetivo, pois ele mesmo fará a “sua verdade”. Entretanto, o que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.

Cartas são instrumentos de foro íntimo, e se as temos em mãos, é porque alguém as guardou. Se elas foram guardadas, a menos que ele tenha sido roubado, ou tenha sido perdido em uma situação inóspita, ou a pessoa morreu de acidente e não teve tempo de se livrar, alguém quis resguardar aquelas cartas. Neste horizonte, as cartas têm uma suposição de que elas tenham um caminho determinado. Ou seja, quando nós redigimos uma carta, essa tem de percorrer determinado percurso para chegar ao seu destinatário. E dependendo desse caminho, a escrita vai ter um impacto diferente.

Abordar a escrita epistolar como fonte para a História da Educação, requer outros enfoques, releituras e re-interpretações que se inserem na ótica da cultura escrita. Por exemplo, pelas cartas pode-se inferir, além dos dados e informações sobre o momento histórico vivido, uma história dos processos de comunicação entre as pessoas comuns, os próprios modos e maneiras de escrever, a função dos tipos de letra – maiúscula, minúscula – nas notícias corriqueiras, a expressividade gráfica exercida como liberdade, direito e/ou transgressão. Pela análise dessas práticas epistolares é possível, também, perceber como a escrita torna possível novas estratégias cognitivas, modos de pensamento e expressão, um outro sentido de tempo e espaço.

Através destes diversos estudos, percebemos uma diversidade de pesquisas que mostram o quanto as cartas estiveram presentes na vida das pessoas dos séculos XVI e XVII. Fizeram parte de uma estratégia de atuação, de ascensão intelectual e de memória. Elas tinham neste veículo de comunicação um espaço para expressar sentimentos, desejos e contestações.

Apreendemos também a relevância desse tipo de análise, visto que, aquilo que poderia ser considerado pelo senso comum algo sem valor literário e científico, passa a ser apropriado e analisado fazendo emergir conteúdos que revelam a importante relação existente entre a escrita epistolar e a História da Educação. Seja focalizando a necessidade da educação como um instrumento para a civilização, indo além das relações amorosas e afetivas e sobrepondo-se aos aspectos desconhecidos dos correspondentes, seja possibilitando ao leitor o acesso a uma rede de possibilidades de relações que se misturam aos interesses econômicos, políticos e sociais.

Os referenciais teórico-metodológicos que subsidiam nossa leitura são os conceitos de paradigma indiciário, distância, estranhamento, perspectiva e narrativa histórica a partir dos textos de Ginzburg (1989, 2001, 2006), estudos sobre cartas, em especial Bastos; Cunha; Mignot (2002), e estudos sobre histórias de vida, em especial a partir do livro de Nóvoa; Finger (2010).

O estudo das cartas em História da Educação chama atenção para alguns aspectos como a importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa; a contribuição que estes estudos podem dar, dentre outras formas, para elucidar aspectos específicos de processos de formação; e também, como suporte para perceber elementos das trajetórias de intelectuais, professores e alunos.

No campo da História da Educação, as razões para se dar atenção a esse tipo de escritos são bastante evidentes, pois trata-se de disciplina que se volta para o estudo de processos de aprendizagem e de ensino de leitura e de escrita, práticas culturais como as de escrita de si são um prato cheio de interesse.

Escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos.

A produção e a troca de cartas podem ser pensadas como práticas culturais pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem, como deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai estabelecer relações, configuradas a partir de modelos e códigos de interesses socialmente construídos, reveladas nos modos singulares de apropriação e expressão. Sabe-se que muitas famílias, confessores e educadores estimularam a anotação de acontecimentos vividos durante o dia através de diários ou da troca de correspondências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ligação e entrelaçamento entre as cartas como fontes históricas e o campo da História da Educação, têm se estreitado cada vez mais. As cartas, como objetos de estudos e fontes primárias, têm ocupado mais espaço no contexto da historiografia,

devido seu abrangente campo de investigação, que contribui como sendo tanto fonte como próprio objeto de estudo.

O estudo das cartas como fontes históricas em História da Educação tem sua relevância, devido alguns aspectos peculiares, como a importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa; a contribuição que estes estudos oferecem na percepção de elementos das trajetórias de intelectuais. Estudar e pesquisar cartas de sujeitos educadores é relevante e fundamental, devido a ênfase das vivências de um determinado histórico.

Portanto, podemos apontar que lemos, vemos e rememoramos partindo de nossas vivências. Conforme Souza; Sousa e Catani (2007), o movimento biográfico no Brasil tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Professores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação.

Nas pesquisas na História da Educação, quando analisamos e pesquisamos Cartas ou arquivos biográficos, necessitamos considerarmos as imagens e lembranças dos remetentes e destinatários, pois está relacionado com o grupo social as quais pertencem.

Assim, a escrita epistolar interessa, sobremaneira, ao historiador por estar recheada de práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados plenos de representações de época. O que interessa ao historiador é a evolução desta prática, dos usos, maneiras e modos de escrever, dos contextos em que se escreve, bem como os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem.

Resgatar essas memórias ou articulá-las com outras situações vividas como no âmbito profissional, constitui-se uma das alternativas possíveis para auxiliar profissionais da educação, historiadores da educação e professores. Afinal, a escrita, é um modo de reflexão e formação. Esse tipo de narrativa, a (auto)biográfica, seja em um memorial, cartas, diário, não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. O exercício da escrita de si culmina em uma tarefa complexa, porque exige, além do registro da própria trajetória.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e Escrita**. 2000. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000a.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000b.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, M. C. C.C. de. Professores e professoras: retratos feitos de memórias. In: GONDRA, J. (org.) **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001, p.73/96.